

O peso da ética e da comida na urna

Rodrigo Camarão

Jane Elise Monteiro da Silva, 35 anos, negra, estudou até a quarta série do ensino fundamental, ganha um salário mínimo, não tem carteira assinada nem candidato. Neste domingo, sozinha diante da urna, estará no mesmo dilema que Aluizio Alves Filho, branco, doutor em ciência política, com renda superior a 10 salários mínimos.

A polarização do segundo turno das eleições revelou um fato extraordinário, na visão de especialistas. Na hora de votar, a questão ética pesou para o eleitor escolarizado e com renda alta tanto quanto o preço do arroz para o pobre e pouco instruído.

Boa parte dos dois estratos sociais opostos está em cima do muro na hora de escolher entre PT e PSDB. Pesquisas indicam que existem algo em torno de 8 milhões de pessoas que não decidiram que número digitar na urna. Na sexta-feira, 80 indecisos selecionados pelo Ibope assistiram ao último debate entre Lula e Alckmin na Rede Globo. Lá, tiveram chance de fazer perguntas aos candidatos.

Moradora da Posse, em Nova Iguaçu, Jane Elise votou em Geraldo Alckmin no primeiro turno. Mudou de idéia porque só descobriu recentemente que o tucano é paulista. Por algum motivo, acha que um ex-governador de São Paulo não cuidará tão bem do Rio. E não trará o emprego com que tanto sonha.

A auxiliar de serviços gerais atribui a Lula a redução do preço

do saco de cinco quilos do arroz, de R\$ 12 para R\$ 5. Para quem ganha R\$ 350 por mês, faz diferença, ressalta. Jane dá de ombros para escândalos como dossiê, sanguessuga ou mensalão. Quer é comida na mesa. Apesar disso, não está convicta do voto em Lula. Só sabe que não apostará novamente em Alckmin. Sente-se enganada e desiludida pelo sangue paulista.

Aluizio Alves Filho, profes-

sor de pós-graduação da UFRJ, também é um desenganado. Está desesperançado com a bandeira ética do PT em frangalhos, com o que chama de agenda neoliberal e o arrocho anunciado por Alckmin, em nome do corte de gastos. Tende a votar nulo.

— Existe um segmento consi-

derável que tem informação mas não se identificou nem com Lula nem com Alckmin — explica. — Essa bandalheira está pessimamente explicada.

Esse tipo de eleitorado votou, no primeiro turno, em Heloísa Helena ou em Cristovam Buarque. Os números mais re-

centes do Datafolha mostram às vésperas da eleição que 16% dos eleitores da candidata do PSOL estão indecisos. Os outros se dividiram, de forma homogênea, entre Lula e Alckmin. Dos que escolheram o Cristovam, 13% ainda não decidiram na segunda etapa da eleição. Mais da metade, no entanto, migrou para o candidato à reeleição.

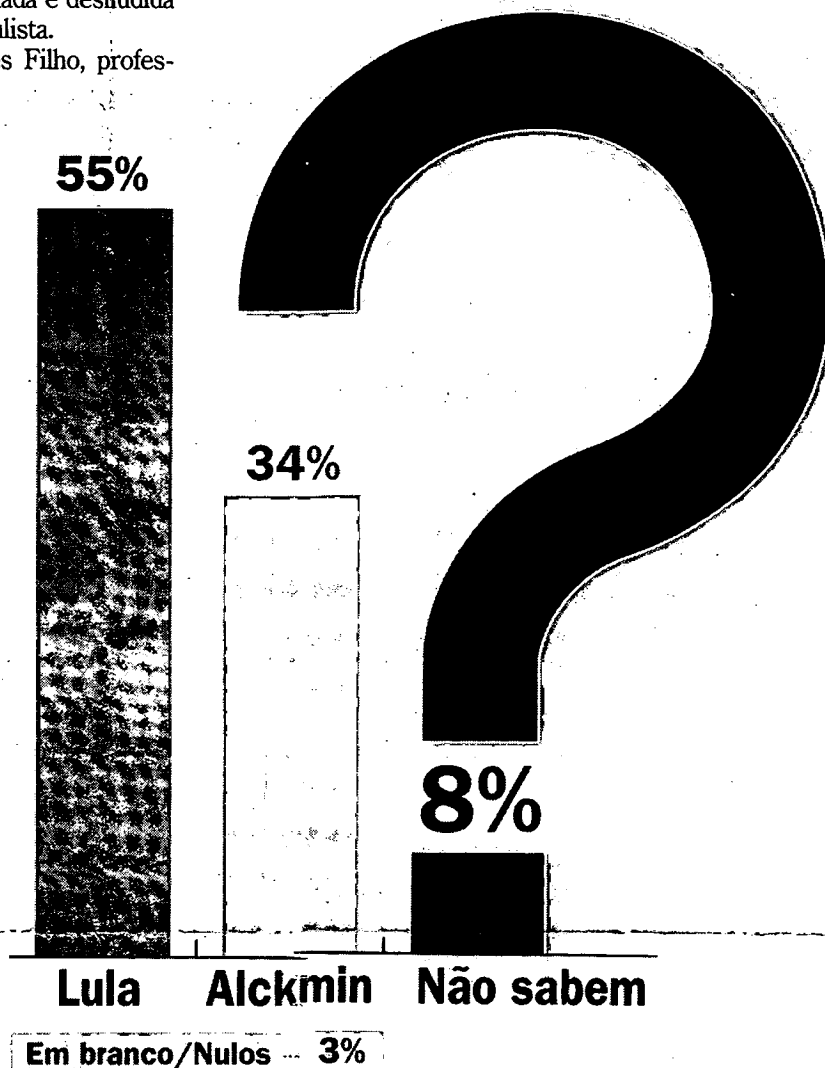
Não é uma situação comum, ressalta Marcus Figueiredo, cientista político do IUPERJ.

— Esse eleitorado do andar de cima normalmente fica pouco indeciso.

Há números capazes de exemplificar a desigualdade social brasileira. Na base da pirâmide social, 83% da população têm renda familiar de até cinco salários mínimos. Apenas 5% ganham mais de 10 salários mínimos — aproximadamente R\$ 3.500. São o que o IBGE chama de elite e Marcus, de “andar de cima”.

A base da pirâmide social brasileira, segundo o diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, inclina-se a votar de forma conservadora.

— Os de baixa renda votam de forma mais pragmática, na segurança de manter benefícios — observa. — A questão ética é levada em conta em todas as faixas, mas principalmente entre o eleitorado que já tem comida na mesa. O arroz mais barato faz toda a diferença — acrescenta. Jane concorda.



■ Leia e opine no **JB Online**.
www.jb.com.br/24 horas

INDECISOS

POR SEXO

Feminino

11%

Masculino

5%

POR ESCOLARIDADE

Fundamental

9%

Médio

11%

Superior

6%

RENDA FAMILIAR MENSAL

11%

até dois salários mínimos

7%

De dois a cinco salários mínimos

4%

De cinco a dez salários mínimos

5%

Mais de dez salários mínimos



	SUDESTE	SUL	NORDESTE	NORTE/ CENTRO- OESTE
Lula	50%	40%	72%	53%
Alckmin	37%	47%	21%	36%
Não sabem	9%	10%	6%	8%

Data do Campo 23 e 24 de outubro /2006

Fonte: Datafolha